

TEXTO PARA DISCUSSÃO

**Indicadores de Desempenho e Perfil dos
Acadêmicos dos Cursos de Ciências
Econômicas e Direito da UFSC**

Lauro Francisco Mattei

Nº 04/2003



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
COORDENADORIA DE MESTRADO EM ECONOMIA INDUSTRIAL
Campus Universitário – Trindade
CEP 88049-970 – Florianópolis – Santa Catarina
Tel.: (48) 331.9458 – Fax.: (48) 331.9776**

INDICADORES DE DESEMPENHO E PERFIL DOS ACADÊMICOS DOS CURSOS DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E DIREITO DA UFSC¹

Lauro Mattei²

INTRODUÇÃO

Ao longo da década de 1990 ganhou muito destaque o debate sobre a qualidade do ensino nas Instituições de Ensino Superior (IES), sobretudo nas universidades públicas. Em grande medida, este debate foi mediado pelas avaliações das políticas públicas destinadas à melhoria da qualidade do ensino de terceiro grau do país.

Em muitos casos foi diagnosticada certa ineficiência das políticas que fazem parte do sistema público federal de ensino superior. Tal constatação baseava-se em uma cesta de indicadores, com destaque para a relação de gastos por aluno formado, o número de professores e técnico-administrativos, o perfil dos ingressantes nos cursos superiores, a evasão escolar e, mais recentemente, o desempenho dos alunos durante a realização dos cursos específicos.

Atualmente o desempenho do ensino superior está sendo avaliado através do Exame Nacional dos Cursos (popularmente conhecido como Provão) - instituído desde 1996 - e pela análise das condições de oferta. Neste caso, comissões de especialistas visitam determinados cursos e avaliam a qualificação do corpo docente, a qualidade das instalações físicas e o projeto didático-pedagógico. Após este procedimento é emitido um conceito para cada curso que varia de CI (condições Insuficientes), CR (condições regulares), CB (condições boas) a CMB (condições muito boas).

Já o Provão - que na sua primeira edição avaliou apenas os cursos de Administração, Direito e Engenharia Civil - é o resultado do desempenho dos alunos formandos de cada curso. Estes alunos são submetidos a uma prova, da qual resultará uma nota média de desempenho, que é usada para fazer um ranking dos cursos de cada área de conhecimento, variando de A (melhor curso) até E (pior curso).

No momento em que se acirra o debate sobre a continuidade ou não do Provão e também das próprias formas de avaliação das condições do ensino superior, entendemos ser oportuno resgatar algumas preocupações³ que emergiram quando iniciei minha carreira docente na UFSC (2000). A principal delas era tentar entender minimamente o perfil do público alvo de meu trabalho, tanto em termos de suas características particulares como em termos de suas expectativas diante dos desafios colocados por cada curso onde eu ministrava aulas (Economia e Direito).

De um modo geral, percebia que havia diferenças importantes entre os alunos dos referidos cursos, bem como entre os próprios alunos do mesmo curso, mas com turnos diferentes. Entre as diferenças destacavam-se as taxas de evasão, os índices de reprovação e as expectativas profissionais em relação ao curso escolhido.

Este cenário me motivou a fazer uma breve pesquisa sobre o perfil dos alunos dos cursos de Ciências Econômicas e Direito, que ingressaram na UFSC no segundo semestre do ano de 2000. As informações sobre as características dos alunos foram coletadas individualmente pelo autor em cada um dos cursos. As demais informações foram obtidas junto às instâncias da universidade (Pró-

¹ O autor agradece aos alunos dos cursos de Direito e de Ciências Econômicas (semestre 2000-2) que responderam ao questionário. Agradece também as alunas Cláudia Pilatti e Taíse Mendes que colaboraram na coleta e organização de parte das informações.

² Professor Adjunto do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC. E-mail: mattei@cse.ufsc.br

³ Registre-se que este tipo de reflexão não é novo no curso de Economia da UFSC. Para maiores detalhes veja os seguintes estudos: Weydmann (1998), Lins (2000) e Arienti (2001).

Reitoria de Ensino de Graduação, Departamento de Administração Escolar, Coperve e Secretaria do Centro Sócio-Econômico).

Neste sentido, visando contribuir com o debate que está em andamento no Departamento de Ciências Econômicas sobre a qualidade do curso de graduação em Economia da UFSC, o trabalho discute aspectos que podem explicar algumas questões relacionadas ao desempenho qualitativo dos alunos. Para tanto, o estudo está organizado da forma como segue. A primeira seção apresenta algumas características do perfil dos alunos, destacando algumas distinções entre cursos e turnos. A segunda seção resgata alguns aspectos da trajetória dos alunos e de seus respectivos cursos, com ênfase no desempenho do concurso vestibular e no desempenho acadêmico do conjunto de cada curso e turno, o que permite captar elementos sobre a formação de expectativas profissionais. Finalmente, a terceira seção sintetiza os principais aspectos deste debate, à luz da breve experiência docente do autor na UFSC e do diálogo com os demais colegas do Departamento.

1 – ALGUNS ASPECTOS SOBRE O PERFIL DOS ESTUDANTES

Esta seção apresenta informações que podem auxiliar a compreensão sobre a origem e trajetória dos alunos de cada curso e seus respectivos turnos, além de ajudar a elucidar possíveis inserções diferenciadas em cada uma das opções profissionais.

A tabela 1 apresenta a distribuição da amostra por gênero em cada curso pesquisado. Inicialmente, nota-se que no curso de Economia ocorre uma predominância das pessoas do sexo masculino, tanto no turno diurno como no turno noturno, sendo que no turno diurno este percentual é de aproximadamente 70%.

Tabela 1: Distribuição dos alunos por curso e período, segundo o sexo.

Sexo	Direito				Economia			
	Diurno		Noturno		Diurno		Noturno	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	15	47	23	70	21	70	18	69
Feminino	17	53	10	30	9	30	8	31
Total	32	100	33	100	30	100	26	100

Fonte: pesquisa junto aos alunos

Já no curso de Direito, as mulheres têm uma ligeira predominância no turno diurno, enquanto os homens são maioria no período noturno. Neste último turno a distribuição percentual é muito semelhante àquela verificada para o curso de Economia.

No cômputo geral, verifica-se que o curso de Direito é mais procurado pelas pessoas do sexo feminino, comparativamente ao curso de Economia. Em termos percentuais, a distribuição da amostra situou-se em 42% e 30%, respectivamente.

A tabela 2 mostra a distribuição percentual dos alunos por faixa etária nos dois cursos pesquisados. A primeira observação a ser feita é que o ingresso no curso de Direito, período diurno, é amplamente dominado por adolescentes que se situam na faixa de 17 a 18 anos de idade. Já para o período noturno, e também para o curso de Economia, este aspecto é bem menos marcante.

No caso do ingresso no curso de Economia, observa-se um predomínio da faixa etária entre 19 e 20 anos de idade, tanto para o período matutino quanto noturno, embora no último período tenha ocorrido uma melhor distribuição dos alunos entre as diferentes faixas etárias. De algum modo, este fato pode estar indicando que pessoas mais adultas estão ingressando no curso de Economia para ampliar sua formação profissional. Este aspecto é válido também para o curso de Direito noturno.

Ainda sobre os ingressantes no curso de Economia, verifica-se um fato, de certa forma, inusitado. Considerando-se os alunos da faixa etária de até 20 anos de idade, nota-se que o período noturno concentra 72% da amostra, ao passo que no período diurno este percentual se situa em 57%. De alguma forma, estas informações indicam que não é totalmente correta a “idéia corrente” de que o público alvo do curso diurno de Economia é composto por alunos muito jovens, enquanto o curso noturno é dominado por alunos mais adultos (“maduros”).

Tabela 2: Distribuição percentual dos alunos por curso e período, segundo os grupos de idade.

<i>Grupos de Idade</i>	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	<i>Nº</i>	<i>%</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>
De 17 a 18 anos	20	63	9	27	2	7	4	15
De 19 a 20 anos	11	34	13	40	15	50	15	57
De 21 a 23 anos	1	3	2	6	8	27	2	8
De 24 a 26 anos			4	12	4	13	1	4
De 27 a 30 anos			2	6			2	8
De 31 a 35 anos			2	6	1	3		
De 36 a 40 Anos			1	3			1	4
Mais de 40 anos							1	4
Total	32	100	33	100	30	100	26	100

Fonte: pesquisa junto aos alunos

No cômputo geral, verifica-se que os alunos ingressantes no curso de Direito se concentram majoritariamente na faixa de até 20 anos de idade, comparativamente ao curso de Economia. Em termos percentuais, a distribuição da amostra situou-se em 82% e 64%, respectivamente. Este comportamento diferenciado pode estar associado à forma de ingresso na universidade (concorrência entre cursos, número de vestibulares, necessidade de trabalhar, etc.), conforme veremos posteriormente.

A tabela 3 apresenta o local de origem dos ingressantes nos cursos considerados. Um dos primeiros aspectos a ser considerado é a elevada presença de alunos de outros estados, em ambos os cursos. No caso do curso de Economia, período noturno, nota-se que a categoria de origem “outros estados” apresentou a maior taxa de participação percentual na amostra, merecendo destaque também a alta participação desta mesma categoria para o curso de Direito Noturno.

Este quesito mostrou algumas diferenças entre os dois cursos. No curso de Direito, verifica-se que há uma predominância, para o período noturno, dos alunos que disseram ser da capital do estado, sendo baixa a participação dos alunos oriundos do interior do estado e alta a participação dos alunos oriundos de outros estados. O oposto ocorre no período diurno do mesmo curso, uma vez que o maior percentual localiza-se na categoria com origem no interior do estado, embora a participação dos alunos da capital também seja bastante elevada e a dos alunos de outros estados seja bem menos importante.

Tabela 3: Distribuição dos alunos por curso e turno, segundo o local de origem.

Locais de Origem	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Santa Catarina – Capital	11	34	19	58	13	44	8	31
Santa Catarina – Interior	15	47	4	12	10	33	8	31
Outros Estados	6	19	10	30	7	23	10	38
Total	32	100	33	100	30	100	26	100

Fonte: pesquisa junto aos alunos

No curso de Economia observa-se que há um maior equilíbrio entre a participação percentual de cada uma das categorias de origem dos alunos ingressantes, em ambos os turnos do curso. Apenas registra-se o ligeiro predomínio dos ingressantes com origem na capital, no período diurno, e dos ingressantes de outros estados, no período noturno.

No cômputo geral de cada curso temos a seguinte distribuição percentual. No curso de Direito 46% dos ingressantes são da capital do estado; 29% são do interior do estado; e 25% são de outros estados. Já no curso de Economia estes percentuais são de 38%; 32%; 30%, respectivamente.

A tabela 4 recupera a trajetória dos alunos ingressantes em termos do tipo de colégio do ensino médio. Em primeiro lugar sobressai o elevado índice de participação dos alunos do curso de Direito, período diurno, oriundos de colégios particulares (privados). Este mesmo comportamento também se repete para o período noturno, porém com menor frequência.

Tabela 4: Distribuição dos alunos por curso e turno, segundo o caráter do colégio do Ensino Médio (Segundo Grau).

Colégio de 2º Grau	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Colégio Público	3	9	9	27	17	57	11	42
Colégio Particular	29	91	24	73	13	43	15	58
Total	32	100	33	100	30	100	26	100

Fonte: pesquisa junto aos alunos

Já no curso de Economia ocorre uma situação bastante distinta, uma vez que no período diurno predominam os alunos oriundos dos colégios públicos e no período noturno predominam os alunos dos colégios privados. No entanto, em ambos os casos o caráter do colégio de segundo grau tem uma distribuição mais equilibrada.

De todo modo, observa-se que no curso de Direito 82% dos ingressantes cursaram o ensino médio em colégios particulares, enquanto que no curso de Economia este percentual é de 50%.

Para se abstrair algum sentido analítico mais profundo deste tipo de informações, seria necessário cruzá-las com o desempenho dos alunos ingressantes na universidade no ensino médio e no concurso vestibular, temas que poderão ser enfocados em outras oportunidades. De qualquer maneira, os percentuais acima podem estar indicando a continuidade de uma diferenciação social que, historicamente, reservava aos filhos das classes sociais mais elevadas o espaço para os “letrados jurídicos”.

A seqüência do estudo procura compreender os caminhos percorridos pelos alunos para ingressar na universidade. A tabela 5 apresenta o grau de participação na formação complementar de ensino médio para enfrentar o concurso vestibular. Novamente o curso de Direito apresenta duas situações bem antagônicas, uma vez que a maioria absoluta (88%) dos ingressantes do período diurno fez o cursinho pré-vestibular, enquanto que 82% dos ingressantes do período noturno não participaram de cursos preparatórios ao concurso vestibular.

Tabela 5: Distribuição dos alunos por curso e turno, segundo participação em cursos pré-vestibular.

Participação em Curso Pré-Vestibular	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Participou	28	88	6	18	20	67	11	42
Não Participou	4	12	27	82	10	33	15	58
Total	32	100	33	100	30	100	26	100

Fonte: pesquisa junto aos alunos

No curso de Economia não se observa tamanha disparidade, embora exista o predomínio de uma determinada categoria. Assim, 67% dos ingressantes no período diurno disseram ter feito curso pré-vestibular, enquanto 58% dos ingressantes do período noturno não o fizeram.

No cômputo geral, considerando-se os dois períodos de ingresso, verifica-se que 52% dos alunos de Direito fizeram algum tipo de curso preparatório ao concurso vestibular, enquanto que no curso de Economia este percentual sobe para 55%.

A tabela 6 mostra a distribuição dos alunos ingressantes na UFSC no semestre 2000-02, de acordo com a quantidade de vestibulares realizados. No curso de Direito, período diurno, a maioria dos ingressantes fez um único vestibular, enquanto que no período noturno predominam os alunos ingressantes que fizeram dois ou mais vestibulares.

No curso de Economia nota-se, em ambos os períodos, um predomínio dos alunos ingressantes que fizeram apenas um único vestibular, chamando a atenção para o fato de que 81% dos ingressantes do período noturno fizeram apenas um concurso vestibular.

Tabela 6: Distribuição dos alunos por curso e turno, segundo o número de vestibulares realizados.

Número de Vestibulares	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Apenas 1	20	63	14	43	17	57	21	81
Até 2	11	34	13	39	12	40	3	11
Até 3	1	3	5	15	1	3	1	4
Mais de 3			1	3			1	4
Total	32	100	33	100	30	100	26	100

Fonte: pesquisa junto aos alunos

No âmbito geral, observa-se que, dos ingressantes no curso de Direito no semestre 2000-02, 52% fizeram apenas um vestibular; 37% fizeram dois vestibulares; e 11% fizeram 3 ou mais vestibulares. No curso de Economia os resultados foram de 68%; 26%; 6%, respectivamente.

A tabela 7 apresenta o percentual de alunos ingressantes em cada curso que declarou possuir jornada de trabalho. No curso de Economia observa-se que a maioria dos ingressantes, em ambos os períodos, já desempenhava algum tipo de atividade profissional. Neste caso, chama a atenção o alto percentual (67%) dos alunos ingressantes do período diurno que possuía jornada de trabalho e, ao mesmo tempo, o expressivo percentual dos ingressantes do período noturno que não trabalhava.

De alguma forma, estas informações corroboram algumas intuições empíricas e sepultam definitivamente a idéia, ao menos para o caso do curso de Economia, de que somente os alunos do período noturno trabalham. Ao contrário, chegou a surpreender o percentual de alunos desse período que declararam não trabalhar.

No curso de Direito a situação é bem diferente. Dos alunos ingressantes no período diurno, 94% declararam não trabalhar, enquanto que no período noturno este percentual caiu para 67%.

Tabela 7: Distribuição dos alunos por curso e turno, segundo a existência de jornada de trabalho.

Jornada de Trabalho	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	2	6,25	11	33,34	20	66,66	18	69,23
Não	30	93,75	22	66,66	10	33,34	8	30,77
Total	32	100	33	100	30	100	26	100

Fonte: pesquisa junto aos alunos

Considerando-se o conjunto de ingressantes por curso, nota-se que no curso de Direito apenas 20% dos ingressantes declararam que trabalhavam, enquanto que no curso de Economia este percentual passou para 68%.

De uma maneira geral, sabe-se que uma pessoa que possui uma jornada diária de trabalho, em média, de 6 a 8 horas, terá muito mais dificuldades para acompanhar o curso de forma adequada, comparativamente a uma pessoa que se dedica ao curso em tempo integral. Certamente este aspecto interfere decisivamente no desempenho acadêmico, tanto entre os cursos como entre os turnos de realização. Alguns desses aspectos serão abordados nas seções seguintes.

2 - ALGUNS INDICADORES DAS CONDIÇÕES DE INGRESSO E DE DESEMPENHO ACADÊMICO

2.1 – Indicadores de Desempenho no Concurso Vestibular

O processo de ingresso no ensino superior do país, tanto na esfera pública como privada, ainda é dominado pelo sistema de vestibular, apesar de já existir experiências em algumas instituições de ensino que privilegiam o acesso de acordo com o desempenho acadêmico no ensino médio.

Mesmo assim, ainda é possível fazer análises que correlacionem o desempenho no ensino médio ao desempenho obtido no vestibular, supondo-se que as vagas nos cursos mais procurados sejam ocupadas por aqueles alunos que tiveram as melhores notas no estágio anterior. No entanto, este argumento precisa ser relativizado, uma vez que os cursos pré-vestibulares, podem ajudar a atenuar as deficiências do ensino médio. Com isso, alunos com notas baixas no segundo grau poderiam estar ingressando também nos cursos que apresentam as maiores demandas.

Analisando as notas médias do segundo grau de alunos que ingressaram na UFSC no período entre 1992-1995, nos cursos de Economia, Contabilidade, Administração, Direito, Medicina, Odontologia e Engenharia Mecânica, Weydmann & Conceição (1998:04) “constataram a existência de uma relação direta entre o desempenho no segundo grau e no vestibular. A correlação entre as médias é de 95%. Neste sentido, os alunos do curso de Medicina tem melhor desempenho em ambas as avaliações, seguidos também pelos alunos de Odontologia que sempre se posicionaram em terceiro lugar. Já os alunos de Engenharia mecânica e Direito diurno alternam-se entre a segunda e quarta posições no vestibular e segundo grau, respectivamente”⁴.

A conclusão dos autores foi que os alunos de Economia apresentaram os piores desempenhos no segundo grau e no vestibular, comparativamente aos demais cursos estudados, uma vez que se notou uma alta correlação positiva entre desempenho no segundo e no vestibular.

O nosso estudo, embora não tenha a abrangência daquele citado anteriormente, sugere algumas pistas que vêm a reforçar, em grande parte, as conclusões já mencionadas pelos autores. De algum modo, este fato pode ser analisado à luz dos resultados obtidos pelos alunos ingressantes na

⁴ Registre-se que os autores chamam a atenção para algumas restrições dos resultados obtidos, com destaque para o fato de que seria necessária a realização de testes mais rigorosos para verificar se as médias são estatisticamente diferentes.

UFSC a partir de 1995, conforme tabela 8. O primeiro aspecto a ser ressaltado é que ao longo de toda década de 1990 ocorreu uma evolução positiva das notas dos alunos ingressantes em ambos os cursos analisados, sendo que este crescimento parece ser mais significativo no caso do curso de Economia, muito embora as notas médias desse curso, no ano de 1995, se encontravam em um patamar bastante baixo.

No caso do curso de Direito, em ambos os períodos, verifica-se uma certa estabilidade das notas ao redor do patamar de setenta por cento de aproveitamento, o que pode ser interpretado como um índice bem expressivo, uma vez que a média deste curso permanece entre as seis notas mais elevadas dentre todos os ingressantes na UFSC.

Tabela 8: Evolução da nota média dos alunos aprovados no concurso vestibular da UFSC, por curso e turno.

Ano do Concurso	<i>Direito</i>		<i>Economia</i>	
	<i>Diurno</i>	<i>Noturno</i>	<i>Diurno</i>	<i>Noturno</i>
	Média Global	Média Global	Média Global	Média Global
1995	5,35	4,97	2,69	2,61
1996	4,78	4,34	2,80	2,66
1997	6,56	6,23	3,38	3,10
1998	7,49	7,28	4,43	4,73
1999	7,13	6,78	4,81	4,21
2000	7,35	7,15	4,87	4,94
2001	7,58	7,26	5,29	5,01
2002	7,41	7,15	5,52	5,16
2003	7,39	7,00	5,55	5,42

Fonte: COPERVE

Já o curso de Economia, cuja média praticamente duplicou durante o período considerado para os dois períodos, ainda permanece entre os cursos da universidade que detém os alunos ingressantes com as menores notas médias.

Este comportamento, que corrobora os estudos de Weydmann & Conceição (1998), certamente tem implicações sobre a trajetória e o próprio desempenho acadêmico dos alunos, conforme veremos mais adiante.

Um outro aspecto a ser destacado é a evolução da demanda de cada curso, conforme tabela 9. Inicialmente, deve-se frisar que o curso de Direito continua figurando entre os cinco cursos da UFSC que detém a maior demanda de estudantes, sendo que o período diurno se mantém com uma demanda média de 18 candidatos por vaga.

Tabela 9: Evolução da relação Candidato-Vaga (C/V) nos concursos vestibulares da UFSC, por curso e turno.

Ano do Concurso	<i>Direito</i>		<i>Economia</i>	
	<i>Diurno</i>	<i>Noturno</i>	<i>Diurno</i>	<i>Noturno</i>
	C/V	C/V	C/V	C/V
1995	15,5	16,7	4,00	3,5
1996	16,3	16	1,2	4,4
1997	15,6	19	5,8	3,6
1998	21,32	15,81	1,47	6,25
1999	15,88	21,65	7,63	3,35
2000	20,61	14,25	1,80	5,39
2001	19,09	17,95	4,11	4,59

2002	15,53	19,49	4,00	6,17
2003	21,35	18,13	4,73	6,19

Fonte: COPERVE

Já o curso de Economia continua com uma demanda que pode ser considerada baixa, embora muitos cursos de outras áreas de conhecimento também estejam neste patamar, ou até mesmo com demanda inferior.

No caso do período diurno, com uma demanda média ao redor de 4 candidatos por vaga, verifica-se uma certa estabilidade da demanda, embora com flutuações importantes entre os anos, como é o caso de 1998 e 2000. Já a demanda do período noturno vem apresentando uma ligeira tendência de crescimento, sobretudo nos últimos anos da série considerada, fazendo com que a relação média candidato-vaga se situe ao redor de cinco.

Uma hipótese que poderia justificar a baixa procura pelo curso de Economia da UFSC seria a elevação da oferta de cursos similares na região da Grande Florianópolis e também no interior do estado. No entanto, esta mesma argumentação não faz sentido para o curso de Direito, uma vez que a ampliação de cursos nessa área é maior que na área de Ciências Econômicas e, no entanto, a procura pelo curso da UFSC continua crescendo a cada ano letivo.

2.2 – Alguns Indicadores de Desempenho Acadêmico

Este item procura destacar alguns indicadores de desempenho dos alunos dos cursos estudados. A tabela 10 apresenta o percentual de aprovação e reprovação do curso em cada semestre letivo. Em primeiro lugar, nota-se uma forte distinção da trajetória acadêmica entre os alunos dos dois cursos. No caso do Direito, período diurno, verifica-se que a taxa de aprovação fica acima de 85%, exceto nos dois semestres do ano de 2001. Já no período noturno o percentual de aprovação fica acima de 80%, também com exceção dos dois semestres do ano de 2001. Não obtivemos nenhuma explicação plausível da secretaria do curso sobre o desempenho dos alunos no ano de 2001, considerado atípico pela mesma, em termos do histórico de aproveitamento do curso.

Tabela 10: Evolução do percentual de aprovação e reprovação por curso e turno, segundo o número de alunos matriculados.

<i>Ano/ Semestre</i>	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	<i>%A</i>	<i>%R</i>	<i>%A</i>	<i>%R</i>	<i>%A</i>	<i>%R</i>	<i>%A</i>	<i>%R</i>
1999.1	94,08	5,92	92,60	7,40	69,50	30,50	71,56	28,44
1999.2	94,73	5,27	91,57	8,43	72,80	27,20	71,11	28,89
2000.1	86,86	13,14	85,55	14,45	72,76	27,24	73,37	26,63
2000.2	85,71	14,29	79,79	20,21	72,94	27,06	76,24	23,76

2001.1	69,11	30,89	74,74	25,26	76,10	23,90	80,80	19,20
2001.2	79,87	20,13	68,92	31,08	75,91	24,09	75,68	24,32
2002.1	86,64	13,36	86,88	13,12	79,25	20,75	81,44	18,56
2002.2	88,14	11,86	85,79	14,21	74,96	25,04	77,60	22,40

Fonte: Secretaria do Centro Sócio-Econômico e Secretaria do Centro de Ciências Jurídicas

Observação: 1=Primeiro semestre letivo; 2=Segundo semestre letivo; A=Aprovação; R=Reprovação.

O curso de Economia apresenta uma trajetória mais linear, do ponto de vista da evolução dos percentuais de aprovação. De uma maneira geral, pode-se dizer que o patamar de aprovação do curso diurno se situa ao redor de 74%, com ligeiras oscilações. Enquanto que no caso do curso noturno este percentual cresce para 76%, também com oscilações. De algum modo, este comportamento do desempenho acadêmico chega a surpreender, pois se esperava que os índices de reprovação dos alunos do período noturno fossem maiores que os do período diurno.

Estes resultados, de alguma forma, acabam se expressando no Exame Nacional dos Cursos (Provão), conforme tabela 11. Apesar de todas as críticas que têm sido feitas ao exame, as informações mostram uma trajetória inversa entre os dois cursos analisados. Os alunos do curso de Direito vêm melhorando seu desempenho a cada ano, estabilizando o conceito no patamar máximo de aproveitamento. Já os alunos de Economia estão fazendo um percurso inverso, uma vez que o conceito está caindo a cada ano, situando-se atualmente num patamar que pode ser considerado de regular a fraco.

Tabela 11: Evolução dos conceitos obtidos pelos cursos no Provão.

Ano do Provão	<i>Direito</i>	<i>Economia</i>
1996	-	-
1997	B	-
1998	B	-
1999	A	B
2000	A	B
2001	A	C
2002	A	C

Fonte: INEP/MEC

Em discussões recentes sobre a qualidade do curso de Economia da UFSC foi observado que os alunos vêm apresentando um desempenho muito fraco na área quantitativa, que envolve preferencialmente as disciplinas de matemática e estatística.

De algum modo, este fato sugere a necessidade urgente de ser revisto o conteúdo e a forma como estão sendo ministradas as referidas disciplinas, com o intuito de melhorar o desempenho dos alunos. No entanto, em hipótese alguma, isto significa dizer que as demais grandes áreas temáticas (microeconomia, macroeconomia, economia brasileira e história econômica) possam ficar

tranqüilas, uma vez que o desempenho das mesmas no Provão, embora um pouco melhor, também não está sendo satisfatório.

Um outro quesito importante para analisar a trajetória dos alunos nos cursos é a evolução do percentual de abandono⁵, conforme tabela 12. Novamente chama a atenção para o comportamento bem diferente entre os alunos dos dois cursos analisados.

No curso de Direito, período diurno, observa-se que este indicador é praticamente nulo, ao passo que no período noturno ele se encontra mais presente, porém com percentuais que ainda podem ser considerados bastante baixos. Estes indicadores podem estar revelando que o grau de satisfação em relação ao curso é extremamente alto, sobretudo para os alunos do período diurno.

Tabela 12: Evolução do percentual de abandono por curso e turno, segundo o número de alunos matriculados.

Ano	<i>Direito</i>				<i>Economia</i>			
	<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>		<i>Diurno</i>		<i>Noturno</i>	
	1	2	1	2	1	2	1	2
1995	0,98	0,72	0,23	0,47	5,58	6,31	5,49	5,34
1996	0,49	0,25	1,14	3,13	5,52	7,16	7,67	6,23
1997	0,73	0,48	2,52	1,85	7,63	7,00	5,88	6,78
1998	0,26	0,72	2,00	5,14	4,88	15,76	4,83	19,14
1999	0,00	0,00	2,81	3,28	7,41	7,02	8,73	8,33
2000	0,50	0,00	1,22	0,49	5,88	5,17	5,20	5,66
2001	0,51	1,25	0,74	0,72	5,03	6,57	5,86	5,90
2002	0,00	0,25	1,49	0,76	7,08	1,02	7,05	5,25

Fonte: DAE/UFSC

Observação: 1=Primeiro semestre letivo; 2=Segundo semestre letivo.

No curso de Economia o cenário é muito diferente, embora a trajetória seja muito parecida entre os dois turnos. O fato é que os percentuais de abandono vêm se mantendo em patamares bastante elevados, comparativamente aos demais cursos da universidade. Chama a atenção o comportamento atípico do segundo semestre de 1998, cujas taxas elevadas de abandono podem estar associadas aos reflexos negativos dos constantes movimentos de paralisação das atividades acadêmicas.

Existem diversas hipóteses que podem explicar estes altos índices de abandono. Para Weydmann & Conceição (1998), existe uma relação inversa entre desempenho no ensino médio e abandono do curso, uma vez que os alunos dos cursos com as maiores demandas (Medicina, Odontologia, Direito e Engenharia Mecânica) e com melhor desempenho no segundo grau e as

⁵ É considerado abandono a não renovação da matrícula no semestre seguinte, pelos alunos regularmente matriculados nos seus respectivos cursos.

melhores médias no concurso vestibular, foram os que apresentaram os menores índices de abandono.

Uma outra hipótese pode estar associada à condição de ingresso. Como vimos anteriormente, a demanda pelo curso de Economia, para os dois períodos, é baixa. Com isso, torna-se relativamente “fácil” ingressar no curso, porém diante do grau de exigência das disciplinas, muitos alunos passam a enfrentar dificuldades e acabam desistindo pelo caminho.

Uma terceira hipótese pode estar ligada ao grau de indefinição do próprio aluno, que em muitos casos, inicia o curso sem saber direito se aquela é a profissão que ele efetivamente pretende seguir, ou mesmo porque passou no vestibular como opção (encontrei alguns destes casos quando lecionei a disciplina de Introdução à Economia).

Finalmente, uma última hipótese pode estar relacionada ao grau de atendimento das expectativas iniciais em relação ao curso. Com o passar do tempo, os alunos podem começar a se frustrar com os conteúdos ministrados e com os próprios professores, levando-os a abandonar o curso e a fazer novas escolhas de formação profissional.

3 – SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações analisadas nas seções anteriores permitem fazer algumas afirmações sobre a realidade de cada um dos cursos pesquisados, de modo a contemplar os dois pontos básicos do trabalho: o perfil dos estudantes que ingressaram na UFSC no semestre 2000-02 e o desempenho acadêmico do conjunto de estudantes de cada curso.

Sobre o perfil dos estudantes pode-se resumir as principais características dos alunos de cada curso. No curso de Direito encontrou-se um público majoritariamente jovem, dominado por alunos com menos de 20 anos de idade; a maioria com origem na capital do estado; 82% dos ingressantes freqüentaram colégio privado no segundo grau; quase a totalidade dos alunos do período diurno fez cursinho pré-vestibular; 52% dos ingressantes fizeram um único vestibular; e apenas 20% dos novos alunos declararam estar trabalhando no momento da pesquisa.

Os ingressantes no curso de Economia também são majoritariamente jovens, chamando a atenção o fato de que 72% dos alunos do período noturno se situavam na faixa etária de até 20 anos de idade; quanto ao local de origem verificou-se uma maior participação dos alunos do interior do estado e também de outros estados (62%); apenas 50% dos ingressantes fizeram o ensino médio em colégios particulares; cerca de 55% dos novos alunos declararam ter feito cursinho pré-vestibular; 68% fizeram apenas um único vestibular; e 68% declararam estar trabalhando no início do curso.

Quanto ao desempenho acadêmico pode-se resumir os seguintes aspectos. As notas médias dos ingressantes no curso de Direito se situam entre as maiores da UFSC; a demanda média se

mantém na faixa de 18 candidatos por vaga; o percentual de aprovação se situa ao redor de 85%; o último conceito no Provão foi A; e o percentual de abandono do curso bastante baixo.

As notas médias dos ingressantes no curso de Economia, apesar de terem melhorado muito nos últimos anos, ainda se situam em um patamar bastante baixo; a demanda média se mantém na faixa 4,5 candidatos por vaga; o percentual de aprovação se situa ao redor de 75%; o último conceito no Provão foi C; e o percentual de abandono do curso é bem expressivo.

Sobre o último aspecto (abandono do curso pelos alunos de Economia) há uma série de hipóteses que tentam explicar este tipo de comportamento acadêmico. Minha intuição é a de que o motivo que mais induz o aluno a tomar essa atitude está relacionado à frustração das expectativas em relação ao curso. No entanto, esta frustração pode estar associada não somente “a um aparente descontentamento de parte dos alunos em relação às perspectivas profissionais abertas com a formação em Ciências Econômicas” (Lins, 2000:12), mas também ao nível de exigência demandado pelas disciplinas, a qual muitos alunos não estão preparados adequadamente. Decorrente da interação entre esses fatos, entendemos que emerge, então, a sensação de que o curso não prepara bem seus alunos para o exercício profissional.

Neste contexto, considero que a contradição já apontada por Weydmann & Conceição (1998) continua na ordem do dia, ou seja, como conciliar as características de um corpo discente com baixo desempenho com o atual nível de exigência acadêmica das Ciências Econômicas, sem que isso se traduza em um estímulo ao abandono do curso?

Certamente este questionamento nos remete à prática pedagógica, tema que ultimamente tem permeado as discussões sobre a qualidade do curso de Economia da UFSC. No entanto, segundo Lins (2000:16), “professores de Economia geralmente não registram qualquer embasamento nessa direção, por menor que seja, nas suas trajetórias acadêmicas ou profissionais. São pessoas com formação técnica em Economia ou áreas afins que optaram pela carreira docente e que, certamente inspirados em alguns dos professores que tiveram, procuram moldar a sua própria maneira de agir como professores”.

De alguma forma, este fato esteve presente na última avaliação do curso de Economia realizada pelos alunos no mês de maio de 2003. Mesmo com as deficiências do método de avaliação, se observou que há uma sensação entre os alunos de que os professores têm alto nível de conhecimento, porém a questão didática foi considerada um fator com desempenho de médio a baixo para o conjunto de blocos de disciplinas.

Isto nos coloca o desafio, em nossa tarefa cotidiano, de buscar novos caminhos que poderiam estimular os alunos, não somente a se interessar mais pelo curso, mas também a se tornarem mais sujeitos do processo pedagógico. Para tanto, experiências relatadas por Lins (2000) e

Arienti (2001) poderiam ser recuperadas e socializadas com os demais professores do Departamento de Ciências Econômicas, com o objetivo de contribuir para melhorar o desempenho individual, o qual certamente teria reflexos positivos sobre o conjunto dos alunos.

BIBLIOGRAFIA

ARIENTI, Wagner Leal (2001). Reflexões de um professor do curso de graduação: crise da sociedade salarial e mal-estar na sala de aula. Florianópolis, UFSC, Departamento de Ciências Econômicas (Texto para Discussão nº 09/01).

COMISSÃO PERMANENTE DO VESTIBULAR DA UFSC (COPERVE). Relatórios de notas de desempenho dos cursos.

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR DA UFSC (DAE). Relatórios de desempenho dos alunos.

LINS, Hoyêdo Nunes (2000). Pedagogia da sedução. In: **Revista Plural**, nº 12, pp.12-19.

WEYDMANN, Celso Leonardo, CONCEIÇÃO, Maurina de Barros (1998). Desempenho no 2º Grau, vestibular e abandono: caso dos alunos do curso de Economia da UFSC. Florianópolis, UFSC, Departamento de ciências econômicas (Texto para Discussão nº 01/98).